

AÇÃO DE FORMAÇÃO

III Encontro(s) Cidadania e Responsabilidade Socio Ambiental

Cidadania e Debate Competitivo



MODALIDADE DE FORMAÇÃO: Curso de Formação
(15 horas presenciais)

FORMADOR: Doutorando Ary Ferreira da Cunha

FORMANDA: Filomena Maria de Matos Geraldes

ESCOLA: Agrupamento de Escolas de Góis

LOCAL DE REALIZAÇÃO: Casa Municipal da Cultura – Góis

DATA: 10 de abril de 2014

Documento de Reflexão Final

“Na discussão, o vencido obtém maior proveito, pois aprende aquilo que ainda não sabia.”

Epícuro

“Sem competição, ainda seríamos organismos unicelulares.”

Dr. House

Índice

1. Introdução	3
1.1. Apresentação do tema e razões que levaram à sua escolha....	3
2. Desenvolvimento	4
2.1. Debate competitivo	5
2.2. Efeitos na prática pedagógica	6
3. Conclusão	7
4. Bibliografia	8

1. Introdução

No âmbito do terceiro encontro de formação, promovido pelo Centro de Formação de Associação de Escolas Coimbra Interior, subordinado ao tema, “*Cidadania e Responsabilidade Socio Ambiental*”, que aconteceu, uma vez mais, em espaços e tempos diferentes, no decorrer deste ano letivo. Recordo que o primeiro ocorreu no dia 5 de março, no Centro Cultural de Tábua, em Tábua; o segundo, no dia 10 de abril, na Casa Municipal da Cultura, em Góis, e o último, no dia 10 de maio, na Mata da Margarça, em Arganil. Irei, primeiramente, apresentar, ainda que de forma breve, as motivações que me levaram a optar pela reflexão sobre uma das temáticas apresentadas. Depois, e de acordo com o que foi solicitado, apresentarei a minha reflexão pessoal sobre a formação recebida, no âmbito do tema escolhido, tentando salientar os aspetos que me irão permitir intervir sobre as minhas próprias práticas de forma um pouco mais inovadora e interventiva. Tentarei expor as vantagens da formação nesta área, pois reconheço à partida que a sensibilização/ informação sobre os diferentes roteiros temáticos abordados, nestes encontros, à luz da cidadania e responsabilidade socio ambiental, poderão contribuir grandemente, no contexto das minhas práticas letivas, para a criação de uma maior responsabilização socio ambiental no exercício da minha cidadania, bem como uma maior consciencialização do que é ser cidadão pleno, na sociedade global, em que me encontro inserida. Apresentarei, por último, as conclusões a que me conduziu este exercício reflexivo, em torno de uma das temáticas abordadas.

1.1. Apresentação do tema e razões que levaram à sua escolha

Neste terceiro(s) encontro(s), o tema cidadania esteve presente em todas as intervenções, especialmente no primeiro e segundo, possibilitando-me a riqueza das comunicações apresentadas e a reflexão que foi sendo feita em torno da cidadania, nas suas várias perspetivas, alargar o meu próprio conceito de cidadania, em especial, a dimensão filosófica deste termo e, conseqüentemente, ter uma maior consciencialização do que é ser cidadão na sociedade atual com as suas múltiplas especificidades. Com efeito, a "Cidadania" é um termo cujo significado filosófico difere do seu uso quotidiano. No discurso quotidiano, a cidadania é entendida como sinónimo de "nacionalidade", referindo-se ao estatuto legal das pessoas enquanto membros de um país em particular. Ser um cidadão implica ter certos direitos e responsabilidades, mas estes variam imenso de país para país. Por exemplo, os cidadãos de uma democracia

liberal têm direitos políticos e liberdades religiosas, ao passo que numa monarquia, numa ditadura militar ou numa teocracia religiosa podem não ter nenhum desses direitos. No contexto filosófico, a cidadania refere-se a um ideal normativo substancial de pertença e participação numa comunidade política. Ser um cidadão, neste sentido, é ser reconhecido como um membro pleno e igual da sociedade, com o direito de participar no processo político. Como tal, trata-se de um ideal distintamente democrático. As pessoas que são governadas por monarquias ou ditaduras militares são súbditos e não cidadãos. Uma forma de exercer a cidadania é ter um papel dinâmico na construção da vida democrática. Como referiu o Doutorando Ary Cunha na sua intervenção, o/a cidadão/ã que exerce a sua cidadania tem um papel ativo e senta-se na fila da frente da democracia. Este formador, na sua comunicação, defendeu a participação efetiva dos/as cidadãos/ãs na vida democrática e apresentou um modelo de como nos poderemos preparar para o fazer: o Debate Competitivo; sendo este o tema que me proponho refletir. Porquê? Porque, para mim, ser cidadão/ã é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei: ter direitos civis. É ter direitos sociais: educação, trabalho justo, saúde, velhice tranquila. E é também, e sobretudo, participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. É, em suma, debater e participar ativamente no contexto onde interagimos e estamos integrados.

Por outro lado, porque me preocupa o estado de inércia e desinteresse com que os/as portugueses/as, no geral, e presentemente, vivem a vida social e política e exercem a sua cidadania ou se demitem de a exercer.

Assim sendo, e porque acredito que a escola e o ser professor(a) tem um papel fundamental na construção da cidadania, e porque o debate poderá ser uma ótima ferramenta a seu serviço, abrirei, de seguida, um tópico para refletir sobre esta temática.

2. Desenvolvimento

Ensinar os/as alunos/as a argumentar e a debater ideias é sem dúvida alguma um objetivo pedagógico. Argumentar é desenvolver organizadamente um raciocínio, uma ideia, uma opinião, um ponto de vista ou uma convicção, de forma a influenciar, a convencer e a persuadir um outro, um auditório ou um leitor. No nosso quotidiano estamos a argumentar: quando defendemos um ponto de vista; quando apresentamos a nossa opinião; quando propomos uma solução para um problema; ou quando queremos convencer os outros a aceder a um pedido nosso...Por vezes, enfrentamos a oposição

dos outros e, então, temos de argumentar ainda melhor para os convencer. E, argumentar bem é um ato de inteligência que, para ser eficaz, tem as suas regras, exige ensino e muita prática.

2.1. Debate Competitivo

Como sabemos, o debate é uma discussão entre duas ou mais pessoas que queiram apenas colocar as suas ideias em questão ou discordar das demais, tentando sempre que prevaleça a sua própria opinião ou sendo convencido pelas opiniões opostas. Geralmente, os debates que vivenciamos no nosso dia-a-dia são longos, e raramente se chega a alguma conclusão, porém o modelo de debate apresentado por Ary Cunha foge claramente desta prática, uma vez que se inspira no modelo de debate do British Parliamentary.

O British Parliamentary Debate (BP), ou World's Style, é um de muitos modelos de debate competitivo existentes pelo mundo fora, mas sem dúvida um dos mais populares e o que mais tem crescido, sendo o escolhido e utilizado nos torneios nacionais e internacionais organizados por diversas universidades e pelo próprio Dr. Ary Cunha.

Quanto ao modelo em si: Há quatro equipas de duas pessoas cada num debate: Primeiro Governo (1G), Primeira Oposição (1O), Segundo Governo (2G), Segunda Oposição (2O). A ordem por que falam os oradores é 1G-1O-1G-1O-2G-2O-2G-2O. Cada orador faz um discurso de sete minutos que tem de ser coerente e complementar tanto com o do seu parceiro de equipa, como com os elementos da mesma bancada. Mas, apesar de não poderem contradizer a outra equipa da mesma bancada, o objetivo é manterem-se competitivas relativamente a todas as equipas, o que implica que cada equipa deve esforçar-se por dar um contributo distinto e melhor que a outra da mesma bancada. Dos sete minutos de discurso, o primeiro e o último estão protegidos, o que significa que não há pontos de informação nesse período. As perguntas não param o tempo. Quando fala alguém da bancada do Governo só a Oposição lhe pode fazer perguntas e vice-versa. Para pedir um ponto de informação, o deputado em causa deve levantar-se e sinalizar o seu pedido esticando o braço, por exemplo. Quem estiver a discursar pode aceitar, adiar ou recusar o ponto e pode mesmo pedir pontos em dada altura do seu discurso. Para além de pontos de informação há ainda pontos de clarificação. Este assinala-se da mesma forma mas dizendo: “ponto de clarificação”. Os pontos de clarificação limitam-se a procurar esclarecer determinados aspetos do caso da bancada que não se encontram bem explicitados. Ninguém é obrigado a atender a um

ponto de clarificação, mas pode ser uma boa ideia fazê-lo, já que se a bancada oposta está confusa, os adjudicadores (que julgam o debate e atribuem os pontos) podem também estar. Há apenas duas circunstâncias em que é legítimo “apunhalar” a equipa da mesma bancada: quando há uma contradição interna na argumentação dessa equipa (neste caso podem escolher qual das afirmações contraditórias respeitar) e quando o caso montado pela equipa da sua bancada na “câmara alta” (1G ou 1O) é manifestamente impossível de sustentar junto de uma audiência com o mínimo de bom senso.

2.2. Efeito desta formação na prática pedagógica

A argumentação é uma das formas mais profícuas e específicas da atividade humana, na medida que ela envolve a capacidade de dialogar, de pensar, de analisar, de escolher e implica o comprometimento de alguém com os seus próprios argumentos. O trabalho de alguns investigadores, nomeadamente Deanna Kuhn (1991), revelam que, para uma maioria esmagadora das pessoas, o uso de argumentação válida não surge naturalmente, é adquirido, unicamente, através da prática e, em meu entender, também exige ensino. Ensinar os/as alunos/as a argumentar e a debater deverá ser um objetivo pedagógico prioritário. Penso estar claro para todos/as, os efeitos da argumentação e do debate, no desenvolvimento das seguintes capacidades: análise/discernimento (pensar em problemas complexos, construção de argumentação,...); comunicação (persuadir, estruturar, empatia,..); aprendizagem (construção de conhecimento); confiança (autoestima); tolerância (alargar conhecimentos). O que poderá ser discutível é a introdução da competição no debate. Tenho para mim que a competição faz parte da vida e é um estímulo para desencadear processos, na medida em que é quando nos sentimos desafiados, que encontramos forças em nós para dar o nosso melhor e desenvolvermos as nossas capacidades. A competição é sempre connosco própria, no sentido de sabermos aquilo de que somos capazes. Ensinar as crianças, desde pequenas, a lidar com isto, também poderá ser um desafio da escola. Ou seja, ao fazer com que os/as alunos/as entendam a competição como uma forma de autoconhecimento e que se habituem, desde cedo, a aceitar que todos/as temos diferentes capacidades, que uns/umas são melhores numa coisa, outros/as noutra e aceitem essas diferenças com a maior das naturalidades, estamos a contribuir para que estes/as adquiram uma inteligência competitiva saudável e desejável.

O modelo de debate competitivo apresentado poderá perfeitamente ser usado na sala de aula e nalgumas disciplinas (que contemple ensino e prática), uma vez que o desenvolvimento das destrezas argumentativas não ocorre igualmente em todos os ambientes de aprendizagem, assumindo particular interesse os contextos que tenham relevância para a vida dos estudantes. Ao nível da prática, na sala de aula, o debate competitivo poderá ser usado com adaptações.

3. Conclusão

O ensino explícito da argumentação melhora a performance dos/as estudantes, quer no que diz respeito à sua capacidade de argumentação quer no desenvolvimento das suas capacidades comunicativas e humanas (tolerância, aceitação do outro, discernimento, ...). O uso de argumentos válidos não é uma capacidade inata e só se adquire pela prática, pelo que o desenvolvimento da capacidade de argumentação dos/as alunos/as deverá constituir um objetivo pedagógico fundamental, e como consequência, as formas de elaboração de argumentos substantivos um conteúdo a ensinar e a aprender nas nossas escolas, se queremos ter cidadãos/ãs mais conscientes, participativos/as e empenhados/as. O recurso ao debate competitivo poderá ser uma estratégia motivadora/inovadora para o desenvolvimento e incentivo ao debate devido à sua dimensão lúdica (jogo em que uns fingem que são ministros outros oposição). Como sabemos, o jogo lúdico é um importante instrumento de trabalho no qual o/a professor/a, deve oferecer possibilidades para a elaboração do conhecimento, respeitando as diversas singularidades dos/as alunos/as. Essas atividades, quando bem exploradas, dão oportunidade à interlocução de saberes, à socialização e ao desenvolvimento pessoal, social e cognitivo do/a estudante. O papel do professor – ou de agentes outros socialmente investidos na função de representantes do saber convencional a ser aprendido pelos/as alunos/as – torna-se, neste contexto, fundamental.

Góis, 31 de maio de 2014

A formanda,
Filomena Maria de Matos Geraldês

BIBLIOGRAFIA

Ferreira da Cunha, A.; Freitas, Cláudia; Sá, João F.; (2013) *Guia de Iniciação ao Debate Competitivo*, Lisboa

Ferreira da Cunha, A. (2013) *How to Start a Debate Society?* New York, Amsterdam, London: International Debate Education Association.

Jiménez Aleixandre, M.P.e J.D. Bustamante (2003). Discurso de aula y argumentación em la clase de ciencias: cuestiones teóricas y metodológicas. *Enseñanza de las Ciencias*, 21, 3, 359-370

KUHN, Deanna, e REISER, B. (2006): *Science Learning as Argument Building: Na Innovative Course for Secondary Science Teacher*, in: Paper presented at the American Educational Research Association San Francisco, CA. April 2006.